



Centro de Estudos Anglicanos Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

PASTORAIS

Missão de Deus – Nosso Compromisso
Dom Renato da Cruz Raatz - Bispo Diocesano
Diocese Anglicana de Pelotas
29/04/2017

“O dom que cada um recebeu coloque-o a serviço das pessoas, mediante a graça de Deus.” I Pedro 4.10

À delegação clerical e leiga da 36ª. Reunião do Concílio da Diocese Anglicana de Pelotas. Graça e Paz.

Pois a reunião do Concílio da Diocese Anglicana de Pelotas acontece num tempo especial e bastante significativo para a vida da Igreja. É tempo da Páscoa. Alegria, esperança, vitória sobre a morte - ressurreição. *“Redivivo eis o Senhor que venceu a morte e a dor”*, cantamos todos. Há portanto um largo horizonte descortinando-se a nossa frente, com muitos e grandes desafios para os quais a Igreja é chamada, é convocada com a clareza de que a missão é de Deus, mas nós, seus filhos e filhas precisamos nos comprometer radicalmente com essa missão. Segundo a I carta de S. Pedro cada um de nós foi abençoado com muitos dons que devem ser colocados a serviço das pessoas, mediante a graça de Deus. Regularmente somos lembrados na Eucaristia: que *“os dons de Deus são para o povo de Deus”*. Assim, vamos tocando em frente confiantes na graça e misericórdia de Deus, tendo as Escrituras como fonte de inspiração e nutrição para enfrentar o cotidiano com suas inquietações, tendo também presente as marcas da missão tão difundidas entre nós, mas nem sempre vividas na sua plenitude.

Todos nós sabemos ser nosso dever, na condição de cristãos e cristãs, proclamar as boas novas do Reino de Deus, assim como ensinar, batizar, nutrir os novos crentes. Temos ainda a responsabilidade de responder às necessidades humanas com amor, além de procurar transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiando toda tipo de violência e buscar a paz e a reconciliação. E por fim é nosso compromisso também lutar para salvaguardar a integridade da Criação, além de sustentar e renovar a vida da Terra.

Só essas cinco marcas da missão já são conteúdos mais do que suficientes para serem estudados, refletidos, partilhados e experimentados por um ano inteiro. Esses cinco enunciados anunciam que temos um plano de missão. Temos um caminho a ser percorrido. Um testemunho a ser dado num mundo com tantas dores e sofrimentos, com tanta ganância e corrupção, com tanto descaso com a criação, com a vida inteira. Com isso, percebe-se que o lema da Diocese criado a quase 30 anos continua bem atual, inquiridor e inquietante: *“Que tenham vida”*. E vida abundante como sonha Jesus em seu ministério e cujo ensino e partilha nem sempre foram bem compreendidos. E por tudo o que vemos hoje parece não ser tão diferente também agora.

O concílio é uma oportunidade rica e abençoada, com momentos reveladores de maturidade e discernimento. É uma oportunidade de, como o próprio nome diz, olhar olho no olho, cílio com cílio, abrir o coração, estender as mãos e se dispor, juntos a servir com amor, testemunhar com júbilo e alegria tudo o que Deus já fez por nós. Não há melhor referência do que a Páscoa Cristã, que da morte faz brotar a vida. Em tom poético D. Humberto Maiztegui assim escreveu: *“Irmãs, irmãos, Cristo Ressuscitou, /Páscoa do Amor, Vitória do Senhor, /Se assim a morte foi enfim vencida, / Vivamos já na luz da Nova Vida.”*

Além do contexto pascal, o concílio diocesano de 2017 acontece num outro tempo especial. Este é o ano do décimo aniversário de nossa sagração episcopal. Já se passou uma década com muitas alegrias e tristezas, sonhos e frustrações. Penso que algo de bom, positivo foi feito neste tempo. Talvez não o bastante, o suficiente, o sonhado, mas o possível. O clero é testemunha e muitos leigos também sabem disso: a forma estabelecida de episcopado para este tempo possivelmente não tenha sido a melhor, a ideal. Servimos concomitantemente à Diocese, na condição de bispo diocesano, e a Catedral no ministério de Deão. No meu modo de ver houve prejuízo para ambas e para mim também, além de uma inquietude familiar que angustia-se e sofre com tantas necessidades da Igreja. Essa realidade torna a família invisível. Sem falar na ausência em muitos momentos importantes que seriam de todos, mas alguém faltou à mesa. A Alice, minha esposa, sempre me lembra das

palavras do arcebispo de Cantuária, na Conferência de Lambeth de 2008: “*Bispos, cuidem bem da Igreja, mas cuidem também de suas famílias.*” A cobrança é forte, em parte justa, mas nem sempre, eu creio. A verdade, contudo, é que a família, ao longo desses quase 40 anos de ministério tem sido parceira, cooperadora e compreensiva na maior parte desse tempo.

Mudanças - Outro aspecto importante deste concílio se traduz nas mudanças, transferências do clero que ocorreu na vida diocesana e paroquial. Este aspecto me parece positivo, alentador, renovador. Com certeza a Diocese ganhou, e muito, com a chegada da Revda. Magda Guedes Pereira, que já está cuidando pastoralmente das paróquias da SS. Trindade e S. João Batista. Isso aconteceu em razão do Rev. Edison Mattos da Rosa, ter alcançado a idade canônica, tornando-se assim um clérigo emérito. Mas nem por isso deixa de ser ministro da Igreja. Continuará sendo um cooperador, especialmente fazendo o que mais gosta: teologia. Será convidado para pregar, celebrar, visitar doentes. Numa palavra: servir. Outra mudança. A Área Rural de Pelotas também vive um momento novo com a presença do Rev. José Ubirajara Dellamora Mello, prata da casa, que se sentiu chamado para servir na Diocese de Santa Maria, e após um tempo retornou à Diocese de origem, e desde Fevereiro está servindo nas paróquias do Divino Salvador e Amor Divino, e na Missão S. Paulo.

De outra parte, a Paróquia do Salvador, Rio Grande, elegeu o Rev. Ramacés Hartwig pároco/reitor daquela importante e histórica congregação diocesana. Comunidade que mudou bastante nos últimos anos. Primeiramente com a presença do Rev. Edison Mattos da Rosa e depois com o ministério do Rev. Eraldo Carvalho. Pois Rev. Eraldo está agora à frente de uma nova paróquia. A paróquia dos seus sonhos, segundo ele: Divino Semeador.

Por fim a Paróquia mãe da Diocese – a Matriz Diocesana - também entrou na roda da mudança. Depois de servir 18 anos na condição de pároco e destes, 10 anos exercendo concomitantemente o episcopado, a Catedral do Redentor tem agora uma Deã. A Revda. Dilce Paiva de Oliveira. Ela é a primeira mulher a ocupar o deado na Diocese Anglicana de Pelotas. Com certeza essa foi uma boa escolha e o ministério da Revda. Dilce será uma bênção para a Igreja toda. Nesta persuasão estamos. Com essa mudança, ficamos agora com maior disponibilidade para o exercício do episcopado nestes dois a anos e meio que ainda restam do ministério episcopal, que por determinação canônica encerra-se no final de 2019. Como podem ver há ainda um bom tempo para servir exclusivamente na condição de bispo diocesano. Isso é, na verdade, algo novo para mim. E também espero seja uma bênção para a Igreja. Algo de positivo e bom foi feito nesta experiência que se tornou duradoura. E muito ainda há o que fazer nesta nova etapa da vida diocesana, que já se prepara para um novo episcopado. Reflexões neste sentido já estão sendo feitas. A minha expectativa é que tudo aconteça com maturidade, testemunho de fé, unidade, comunhão, fraternidade, tendo Cristo como centro, e a visão do Reino como horizonte.

Além dos dez anos de episcopado e das mudanças na Diocese, o concílio acontece em meio a um tempo de profunda reflexão sobre a diversidade e inclusão. Com ênfase na aproximação e apropriação de um tema que tem movido a Igreja nestes últimos anos: Gênero, Sexualidades e Direitos. Já se produziu cartas pastorais. Foram realizados seminários, colóquios e debates sobre o assunto na Província e na maioria das dioceses. Há inclusive a edição bem pensada de uma revista organizada pelo SADD (Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento) que está à disposição da Igreja. O último Sínodo, em São Paulo, se debruçou sobre o assunto. E esse tema estará em pauta no reúnio Sínodo de 2018. Agora com a manifestação clara, objetiva de todas as dioceses. Sem a desculpa de que o assunto não foi ainda debatido e refletido suficientemente nas paróquias, missões e pontos de evangelização. Este concílio precisará, portanto, assumir seu compromisso e responsabilidade com este assunto que está na agenda da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

A delegação escolhida para representar a DAP no Sínodo, eleita neste concílio, precisará se posicionar com clareza e discernimento na próxima reunião sinodal, em Brasília. Isso significa que precisaremos definir o encaminhamento deste tema nos próximos meses, além de uma Conferência de Lideranças (Confelíder) diocesana, onde este assunto terá encaminhamento assegurado, sob orientação da Província. Portanto a voz da diocese precisa ser ouvida de forma audível, clara, objetiva, sem rodeios ou floreios. A Igreja Anglicana tem como característica forte uma manifestação plural que se traduz na expressão: “*Inclusividade na diversidade.*” Como discurso funciona bem, na prática nem sempre, embora se deva reconhecer que já houve grandes e promissores avanços.

Este concílio acontece também num contexto de conjuntura nacional bastante inquietante, com uma grande crise econômica, política e social que tem abalado e entristecido o povo brasileiro. Os encaminhamentos à vista apontam para trazer sofrimento ainda maior para os mais pobres, que certamente vão perder conquistas sociais. Está em debate as reformas da previdência, trabalhista e do ensino. O bode colocado na sala é muito mal cheiroso. Como isso vai terminar não se sabe ainda. A corrupção é avassaladora. A sonegação é assustadora. Há atitudes benevolentes com grandes sonegadores, inclusive da Previdência e aos pequenos impõem-se sacrifícios. Essa é uma realidade insustentável. A Igreja não está alheia ou descuidada dessa realidade

brasileira. Reflexões estão sendo feitas, documentos produzidos, estudos realizados. Muitos anglicanos, clero e laicato, tem se juntado a milhões de vozes contra essa afronta ao povo brasileiro já tão sofrido e humilhado. Mais uma vez esse povo, especialmente, os pequenos, estão vendo sua dignidade ser roubada sem dó nem piedade. E o pior por pessoas que deveriam zelar por sua vida.

Segundo a Carta Aberta da Câmara dos Bispos, baseada no pronunciamento do CONIC, *“o impacto de uma reforma desta índole para a Previdência Social do Brasil é desumano, cruel e devastador, com conseqüências que levarão para a miséria extrema a milhões de pessoas, e forçarão outros tantos milhões a trabalharem até sua morte, desamparando suas famílias. O Brasil que já destaca pela injusta distribuição da riqueza entre pessoas ricas e pobres verá aumentada esta desigualdade”*.

O documento deixa claro o porque da manifestação: *“O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, declara bem-aventuradas, as pessoas que tem ‘fome e sede de justiça’ por que elas serão fartas! (Mateus 5.9), e a Carta de Tiago nos lembra: “Ora, o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz.” (3.18).*

Portanto, não podemos nos omitir diante desta tragédia humanitária que estas reformas promovem. *“Trata-se, pela sua simples proposição em um desrespeito e uma violenta ameaça para este país. Sinal de governantes ilegítimos que, não conseguindo defender esta agenda em um processo democrático com participação popular ampla, o fazem usurpando os poderes que pertencem ao conjunto de cidadãos e cidadãs do Brasil”*.

Todos anglicanos concordam com o testemunho profético da Câmara dos Bispos. Certamente que não. De qualquer modo Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor, não foi aplaudido por todos e tão pouco reconhecido seu projeto de transformação com ênfase na partilha e na solidariedade. O consenso de todos que assinaram o documento divulgado é o compromisso com os valores do reino, alicerçados na justiça, na construção da paz, na defesa da vida na sua diversidade.

Por fim, quero salientar que a Diocese Anglicana de Pelotas está na caminhada, buscando seguir os passos de Cristo, ser agente de transformação, ser espaço de liberdade e comunhão. Por tudo isso é preciso seguir em frente com os diversos desafios que se apresentam e com as ferramentas que temos, sobretudo buscando compreender a diversidade, a pluralidade na Igreja e na sociedade; apoiar e ter coração aberto para escutar a voz dos jovens que são a Igreja hoje, aqui e agora. Os desafios são: Agir com ardor e dedicação em prol de uma diocese auto sustentável, com paróquias e missões verdadeiramente diocesanas; crer firmemente na generosidade e fidelidade de nosso povo; nutrir nossa gente com a Palavra de Deus, com o dom da Eucaristia e uma piedade genuinamente anglicana, alicerçada na liturgia do Livro de Oração Comum; capacitação contínua do clero, ministros leigos e lideranças da Diocese; abertura para o novo e o diferente. Com alegria vemos gente jovem buscando maior capacitação no campo da teologia, conforme registro do relatório da Pastoral da Juventude. Segundo texto do livro *Missão que Amplia a Vida*, editado pelo CEA (Centro de Estudos Anglicanos) *“os jovens estão pedindo à Igreja local para respondê-los e abraçá-los como parceiros iguais na Missão.”*

Outra aspiração da Igreja é sua ação pastoral junto às crianças, claro reconhecimento de que há uma grande defasagem na educação cristã. Poucas paróquias, missões e pontos de evangelização na Diocese tem atividade com crianças. Um sinal de esperança ainda é o Encontro Diocesano de Crianças que acontece em outubro. Este ano o encontro está previsto para a Paróquia do Amor Divino. O cuidado com a criação, a preservação da vida na sua diversidade na terra também deve estar no horizonte dos desafios da missão e da vida diocesana.

Vamos, então, caminhar juntos comprometidos com a missão, usando nossos dons, servindo as pessoas com amor. *“Tudo para a glória de Deus.”*